

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CEZAR AUGUSTO SCHNEIDER

**VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO EM MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA:
ESTUDANTES COM TRANSTORNO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE
(TDAH) E DISLEXIA. O DESAFIO DE INCLUÍ-LOS**

MATINHOS

2018

CEZAR AUGUSTO SCHNEIDER

**VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO NA MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA:
ESTUDANTES COM TRANSTORNO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE
(TDAH) E DISLEXIA. O DESAFIO DE INCLUÍ-LOS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências da Universidade Federal do Paraná-Setor Litoral, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Ciências.

Orientadora: Prof.^a Dra.: Francélli Brizola

CEZAR AUGUSTO SCHNEIDER

MATINHOS

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

ESTUDANTES COM TRANSTORNO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH) E DISLEXIA. O DESAFIO DE INCLUÍ-LOS

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Docente em Licenciatura em Ciências pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral.

BANCA EXAMINADORA

Universidade Federal do Paraná- Setor Litoral

Prof. Dr. Christiano Nogueira

Prof. Doutor Gilson Walmor Dahmer

Universidade Federal do Paraná- Setor Litoral

MATINHOS

2018

Agradecimentos

À Deus, à meus pais Pedro Schneider e Nair Schneider, ao meus irmão Enilson Schneider, Jonas Schneider Netto e Elenita Schneider (*in memoriam*).

Em especial a minha esposa Juciane, dedico a realização desse sonho à você, nesta caminhada tivemos muitas batalhas, mas você sempre ao meu lado lutando e enfrentando situações difíceis, mas jamais fraquejou, pelo contrário, tirou forças, derramou lágrimas escondidas de mim, para que eu fosse feliz, orou incansavelmente de joelhos para que nada de mal acontecesse comigo À todos os professores, funcionários, motoristas do Inter campi, que tiveram participação importantíssima nesta caminhada, pois todos os dias ia para Curitiba e voltava, pois meu trabalho é lá.

Aos meus filhos e todos meus irmãos, pelo amor, e por estarem sempre juntos comigo nas horas difíceis que passei.

Agradeço ao Prof. Doutor Gilson Walmor Dahmer, por ser exemplo de vida, que reflete a garra em minha caminhada. Lembro quando tive meu primeiro contato com ele, num evento do MTST no auditório desta universidade em 2015, quando recém havia ingressado aqui.

Agradeço em especial a minha orientadora Professora Francelli Brizola , pela aceitação do convite de ser minha orientadora, e , pelo desafio de construir esta monografia, contribuindo diretamente na minha formação como docente.

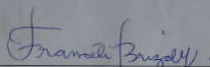
SUMÁRIO

1. RESUMO.....	08
2. CONTA-ME.....	10 11 12 13 14 15 e 16
2. INTRODUÇÃO.....	17 18 19 e 20
3	O
3	ESTÁGIO
SUPERVISIONADO.....	21
4. COLÉGIO ESTADUAL PROF. TEREZA DA SILVA RAMOS.....	22 23 e 24
5. COLÉGIO ESTADUAL GABRIEL DE LARA.....	25 e 26
6. A ESCOLA PÚBLICA NO PARANÁ.....	27
7. DIMENSÃO PESSOAL, PRÁTICA E PROFISSIONAL.....	28 e 29
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
9 REFERÊNCIAS.....	31

PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora realizaram em 03/12/2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de **CEZAR AUGUSTO SCHNEIDER**, sob o título "Estudantes com Transtorno de Deficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Dislexia: Como Incluí-los?", como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciando em Ciências pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo o estudante sido Aprovado CF APL.

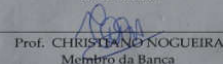
Matinhos, 03 de DEZEMBRO de 2018.



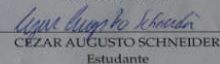
Prof. FRANCIELLI BRIZOLA
Orientadora



Prof. SILSON WALMOR DAHMER
Membro da Banca



Prof. CRISTIANO NOGUEIRA
Membro da Banca



CEZAR AUGUSTO SCHNEIDER
Estudante

“ O dia em acharmos que tudo acabou, devemos iniciar, lutar e acabar com o desânimo, pois a vida tem mais sentido, quando lutamos por nossos objetivos, por mais difíceis que pareçam.”!

RESUMO

A inclusão em nosso país não é vista de forma maneira correta. A falta de educadores preparados para atender estes estudantes, de uma forma que os mesmos se sintam inseridos no contexto escolar, é um dos vários problemas na inclusão, pois o educador tem que ter a sensibilidade nas abordagens destes estudantes. Dentre as várias deficiências, seja elas físicas ou não, existem casos de dificuldades de aprendizagem, onde muitas vezes estes estudantes são descritos como preguiçosos, avoados ou que vivem no mudo da lua. Por isso este trabalho tem como centro, a prática docente com estudantes diagnosticados com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Dislexia.

O estudante com TDAH, tem as funções cerebrais diferenciadas, e acabam desmotivados por nós professores, alguns são medicalizados (que em parte fui contra) para atenuar suas dificuldades, e, falarei sobre os mesmos e a preocupação dos pais e professores com estes estudantes, e a luta por alternativas para amenizar estes problemas.

Palavras chaves: Inclusão, Dificuldades e Educadores.

ABSTRACT

Inclusion in our country is not seen correctly. The lack of educators prepared to attend these students, in a way that they feel inserted in the school context, is one of several problems in the inclusion, because the educator has to have the sensitivity in the approaches of these students. Among the various deficiencies, be they physical or not, there are cases of learning difficulties, where these students are often described as lazy, fluttering or living on the moon. Therefore, this work has as its center the teaching practice with students diagnosed with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) and Dyslexia.

The student with ADHD, has different brain functions, and ends up being discouraged by us teachers, some are medicalized (which I partially opposed) to mitigate their difficulties, and I will talk about them and the concern of parents and teachers with these students, and the struggle for alternatives to alleviate these problems.

Keywords: Inclusion, Difficulties and Educators

MEMÓRIAS

O sonho de cursar uma Universidade não havia saído de meus planos, apesar de ter 43 anos de idade e estar à 23 anos fora de uma sala de aula, então fiz minha inscrição para o ENEM em 2014, onde vi meu nome na lista de selecionados na Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral.

Essa minha caminhada de quatro anos na Universidade foi de grande valia, jamais me passou pela cabeça um dia ser Professor, mas a educação emancipatória, que até então achava ser uma utopia, aguçou este desejo de ser educador e foi aí que fui me construindo outra pessoa, e desconstruindo uma pessoa sem objetivos até então. Os desafios dentro da Universidade foram muito difíceis, mas jamais pensei em desistir, pois o sonho ter uma formação pela Universidade Federal do Paraná, não era só meu, era de meus pais também, embora falecidos. Finalizando esse trabalho de conclusão de curso, penso que ainda existe muito o que fazer, muitas estradas para caminhar...

Conta me

Meu nome é Cezar Augusto Schneider. Nasci em 12 de março de 1971 em Curitiba, Paraná. Sou o décimo primeiro filho, em uma família de treze irmãos. Meu pai, falecido em 1998, e, minha mãe falecida em 2003 veio do interior do estado atrás de melhores condições para criarem os filhos, pois a única opção de trabalho no interior era na roça. Meu pai ao chegar a Curitiba conseguiu um emprego como guarda penitenciário, onde apresentava alto grau de perigo, pois o sistema penitenciário tinha poucos guardas para fazer o trabalho, e onde qualquer descuido poderia ocasionar a fuga dos presos. Minha mãe era dona de casa, mas com bastante trabalho, pois tinha que cuidar da casa, cozinhar e lavar roupas de uma família grande. Tenho o prazer de dizer que eu e todos os meus irmãos fomos muito bem criados pelos nossos pais, onde o respeito e a educação eram as nossas principais obrigações. Tanto meu pai, quanto minha mãe, sempre procurou ajudar as pessoas, sem nunca esperar nada em troca, pois tinham o prazer em fazer isto.

Vários parentes que vinham do interior em busca de melhores oportunidades de vida, eram hospedados pelos meus pais em nossa casa, e gosto de citar um primo meu, Auri, que veio do interior sem condições financeiras, e tinha o sonho de ser piloto de avião. Meu pai não

somente hospedou-o, como também pagou um curso de piloto para ele. Este meu primo jamais se esqueceu do que o meu pai fez, e, sempre que possível nos visitava em suas folgas.

Ele era piloto da CR Almeida, um dos grandes conglomerado de empresas do Brasil (a Ecovia e uma delas), em uma destas visitas em 1998, após quase três meses sem nos visitar, ele perguntou para minha mãe como estava, pois era muito enferma, e ela respondeu que estava mais para lá do que para cá. Então ele falou que as vezes íam os mais novos e o os mais velhos ficavam. Aquela conversa ficou gravada em minha mente, pois infelizmente no dia seguinte ele faleceu num acidente aéreo com 38 anos de idade.

Meu pai também era fotógrafo e, minha mãe também acabou virando fotógrafa e, esta profissão ficou enraizada em nossa família, pois dos treze filhos, oito também herdaram esta profissão, inclusive eu.

Comecei estudar e trabalhar com sete anos de idade. Junto com meus irmãos mais velhos, vendia amendoim nos comércios no centro e nos bairros de Curitiba. Comecei a estudar na Escola Dr. Ermelino de Leão no bairro Boa Vista em Curitiba. Naquele tempo, considero eu, que éramos mais felizes tanto na escola quanto em casa, pois o respeito aos professores e as pessoas de mais idade, independente de conhecermos ou não, fazia com que estes nos proporcionassem mais lazer juntos.

Meus irmãos também estudaram nesta escola e nossos professores sempre citavam os filhos do Pedro Schneider, assim era o nome de meu pai, como estudantes bem educados.

Lembro-me de minha primeira professora, Digelza que era muito atenciosa com os estudantes, e tinha uma maneira de ensino muito pausada, sempre auxiliando aqueles estudantes que tinham mais dificuldades.

A escola tinha um tamanho bom, e, uma quadra de futebol, onde nos intervalos nos reuníamos para jogarmos. Confesso que comparando aos momentos atuais, a educação de 40 anos atrás, era de uma maneira mais eficaz, quanto ao relacionamento humano entre professores e estudantes.

Em 1980, comecei a treinar futebol no Curitiba e minha rotina mudou, pois eu estudava pela manhã, treinava a tarde e vendia amendoim de noite (sempre acompanhado pelos meus irmãos mais velhos).

Estudei nesta escola até a quarta série, e, devido a mudança de casa, estudei da quinta até a sexta série na Escola Professora Julia Amaral Di Lenna, no bairro Santa Efigênia.

Nesta escola que ficava num bairro onde o índice de criminalidade era maior do que eu morava antes, era comum sempre ter brigas depois das aulas, fiz muitas amizades, tanto com os estudantes quanto com os professores. Um professor, Nilo de Ciências, me chamou a Atenção, pois quando um estudante não prestava atenção em suas explicações, ele chamava este estudante de bolha.

Na sétima série, mudamos de casa novamente, no bairro Cajuru e fui estudar na Escola Estadual Professora Maria Aguiar Teixeira, e nesta escola um episódio marcou minha trajetória, onde um estudante da mesma sala minha, Mauro, sempre me provocava sem motivo aparente.

Um dia cansado destas provocações, resolvi enfrenta-lo, e no final das aulas acabamos brigando, e eu dei uma gravata nele e quase o matei sufocado com uma gravata. Após esta briga ele nunca mais me provocou. Nesta série estudei em quatro escolas devido a mudanças e acabei reprovando a única vez em meus estudos. Estudei nesta série também na Escola Ângelo Gusso, no bairro Ahú.

Nesta escola também, (isto porque nunca fui de brigar), fui provocado por um aluno que estudava no período noturno, Marcelo Fhrou, e ele junto com uma turminha, acabou me cercando e eu sem nada para fazer, quando os vi e o Marcelo rodava uma corrente para me acertar, fechei os olhos e desferi um soco e joguei-o longe. Quando abri meus olhos não tinha mais ninguém em minha frente, e depois nos tornamos amigos.

Estudei nesta escola até a oitava série, e foi nesta escola que tive minha primeira namorada, Edilene, a qual namorei por quase dois anos.

Mudei novamente de casa, fui morar no bairro Laranjeiras, e neste bairro minha vida de uma guinada, pois conheci minha segunda namorada, e começamos a namorar e eu contrariando meu pai que não queria namorasse com ela, pois ela fumava e meu pai detestava o tabaco, acabei ficando com ela por seis dias na casa de meu irmão.

Os pais dela foram a uma delegacia e denunciaram que eu havia sequestrado ela e, então meus pais foram intimados a ir até uma delegacia, pois nós tínhamos 16 anos.

Acabamos indo morar juntos e aos 17 anos fui pai pela primeira vez, Kathleen e o nome de minha filha mais velha. Ficamos juntos por 11 anos e tive mais 2 filhos com ela, Kelly e Cezar Junior.

Fiz a prova para estudar no Colégio Estadual do Paraná, e passei.

Em relação às outras escolas, ele tinha muito mais estrutura de ensino, com laboratórios, planetário, piscinas, pista de atletismo e campo de futebol oficial. Eu fazia Propedêutico, hoje, que era direcionado para o ensino geral, pois tinha também cursos técnicos, como técnico em edificações, em contabilidade e em secretariado entre outros.

Estudei até a metade do segundo ano, disputei os jogos escolares, pois na época eu jogava no juvenil do Colorado (atual Paraná Clube), e o treinador do time do colégio Eros Matoso já me conhecia deste clube.

Ganhei uma bolsa do clube para estudar no Colégio Rui Barbosa, onde conclui o segundo grau em 1990. Neste colégio também aconteceu um fato pitoresco, quando uma professora minha ia casar e eu me propus à fotografar seu casamento de graça, mas acabei ficando 15 dias de cama e no dia de seu casamento nós mesmos doentes, acabei indo fotografar, mas após chegar ao local do casamento notei que esqueci o principal, a minha máquina fotográfica. Então pedi para um fotógrafo que estava lá, para tirar as fotos e paguei para ele, pois havia prometido que daria as fotos para minha professora.

No dia de minha formatura, que por sinal fui o único filho a concluir o segundo grau (motivo de orgulho para meus pais), meu nome não estava entre os formandos, e então comuniquei a pessoa responsável que meus pais, minha esposa e minha filha estavam ali e eu não ele dar este desgosto para eles. Expliquei que havia ficado doente e apresentei o atestado e então ela colocou meu nome entre os formandos.

Meu pai sempre teve o sonho de ter pelo menos um filho formado com curso superior, após concluir o segundo grau tentei, sem fazer cursinho, uma vaga na UFPR, no curso de medicina, mas não passei.

Comecei a namorar com 15 anos de idade, minha primeira namorada chama-se Edilene, que tinha 16 anos. Namorei por 1 ano e, conheci uma outra pessoa, que acabei indo morar junto com ela, com menos de 17 anos de idade. Os pais dela não aceitava o namoro, e, ficamos num apartamento que eu e meu irmão tínhamos (meu pai na época, para nos incentivar, como eu

vendia amendoim desde os 7 anos de idade, com o dinheiro da minhas vendas, guardava um pouco numa poupança e comprou este imóvel para mim e meu irmão 1 2 anos mais velho que eu), e foi numa delegacia e nos denunciou na polícia. Foi eu, ela e nossos pais, e após muitas conversas, decidi ir morar com ela.

Em 1989, fui pai pela primeira vez, com 17 anos. Minha primeira filha, Kathleen, hoje formada e pós graduada em Ciências contábeis pela Universidade Positivo, nasceu com uma deficiência na boca, com lábio leporino (fenda nos lábios e gengiva) e tomei um choque quando soube e a vi no hospital. Mas graças a Deus, fez todas as cirurgias necessárias e hoje está com este problema sanado. Casada, é mãe da minha neta Sophie, com 2 anos de idade.

Joguei futebol até os 19 anos, e como já tinha família e precisava sustentá-la, comecei a me dedicar somente como fotógrafo, pois não recebia nada como jogador, pois não era profissional ainda.

Meu pai ficou adoecido em 1998 e no dia 20 de julho deste mesmo ano ele faleceu, com 70 anos de idade e eu fiquei muito abalado, pois não tinha passado por esta situação.

Em 1990 nasceu minha segunda filha, Kelly, hoje com 28 anos, e, que me deu meu primeiro neto, Léo, hoje com 6 anos de idade. Ela também é mãe do Théo com 2 anos de idade.

Em 1994, nasceu meu terceiro filho, Cezar júnior, hoje com 24 anos de idade, pai de meu neto Arthur, com 2 anos de idade. Como podem perceber, tenho 1neto que nasceu em 2012, e 3 netos que nasceram em 2016, e, que são motivos de orgulho, assim como toda minha família.

Me separei em 1998, e conheci, vejam só, uma pessoa que vendia livros nas ruas, acho que foi um sinal que serias professor....

Nos casamos em 1999, numa cerimônia em cartório em Curitiba, onde foi eu, ela, a mãe dela, e um casal de amigos nossos que foram testemunhas.

No início do casamento foi difícil, pois quando me separei, tinha casa própria, que deixei para minha ex- mulher e os filhos, saído somente com a roupa do corpo e um carro financiado, que me roubaram quando faziam 15 dias que tinha pago a última parcela, detalhe que o carro não tinha seguro, então foi difícil, pois quando casei fomos morar numa quitinete de 17 metros quadrados.

Em junho de 1999, mais precisamente no dia 2, me casei e morava com minha esposa em uma quitinete de 18 metros quadrados no centro de Curitiba. Do meu casamento anterior sai de casa apenas com a roupa do corpo e um carro financiado, o qual me roubaram 15 dias após eu quitar o financiamento, e eu não tinha segurado.

Passei por muitas situações difíceis, mas nunca desanimei.

Em 2002, bem no dia que completava três anos de casado, assassinaram meu irmão Edílson, com apenas 37 anos de idade, e este foi um fato que me abalou bastante, pois este irmão era alcoólatra, e optou por morar na rua. Eu era o único dos irmãos conseguia enxergar seus problemas com um olhar mais humano.

Em 2002, após a morte deste meu irmão, fui com minha esposa morar em São Mateus do Sul, interior do Paraná, e comecei a trabalhar com meu sogro, no comércio de lenha.

Minha mãe e meu irmão Dirley que morava com ela, acabaram indo morar também em nesta cidade em 2003.

Meu irmão começou a trabalhar conosco, e um dia eu estava voltando do trabalho, e quando no meio do caminho encontrei o meu sogro na estrada, e percebi que alguma coisa de ruim havia acontecido.

Eles me falaram que minha mãe havia passado mal, mas eu percebi que era algo mais grave, então eles me falaram que minha mãe havia falecido. Meu irmão que morava com ela contou que ao levar café para ela na cama, percebeu que ela não respirava e constatou o óbito.

A perda de minha mãe não me impactou tanto quanto a do meu irmão, pois ela teve um infarto fulminante dormindo, já com 71 anos de idade, e meu irmão fora assassinado com apenas 37 anos de idade.

Voltei a morar em Curitiba e tive muitas turbulências no meu casamento, talvez pelo fato de minha esposa tiver apenas 19 anos de idade e eu 28 quando nos casamos, e ela não podia ter filhos por problemas de saúde.

Minha esposa, por causa deste problema queria adotar uma criança e eu era contra, pois já tinha filho e não aceitava uma adoção.

Mas em fevereiro de 2005, tudo mudou, pois fui visitar minha irmã e quando cheguei em sua casa, ela chamou minha esposa para um lado e conversou com ela. Não sabia sobre o que haviam conversado, e logo em seguida minha esposa pediu a chave do carro e saiu com esta minha irmã.

Após um tempo elas voltaram junto com elas uma criança loirinha, cabelo tigelinha tinha vindo com elas. Minha esposa falou que era um filho de pais com problemas de drogas e alcoolismo e, que esta criança havia sofrido maus trato, e se podíamos ficar com ela aquele final de semana, o que eu concordei. O nome dele e Caio.

Mal sabia eu que aquela criança seria um divisor de águas em nossas vidas. Criamos um laço de amor muito grande e decidimos que iríamos tentar a guarda provisória daquela criança.

Ficamos sabendo que seus pais eram soropositivos (HIV), e então começamos uma luta incessante na justiça pela guarda, e após muita luta o juiz nos deu adoção definitiva ao invés da guarda em 2010, depois de cinco anos de processo.

Em janeiro de 2011 minha esposa fez um exame de farmácia e descobriu que estava grávida.

Ela me ligou eufórica, mas ela falou que ainda ia fazer um exame de laboratório para confirmar a gravidez. Ela fez e o exame confirmou que ela já estava gestante do terceiro mês. Em julho de 2011 nasceu minha filha, Anny Vitoria, hoje com seis anos de idade.

Muita experiência de vida já tinha passado e em 2014 resolvi fazer o Enem, para tentar uma vaga na universidade em 2015 e me insere no SISU. Esqueci-me da inscrição e quando recebi uma mensagem me comunicando que eu havia passado e que tinha que levar a documentação dentro de três dias na UFPR litoral. Nem me lembrava de onde havia colocado as opções e, quando me informei sobre a documentação, me dei conta que eu não tinha o histórico escolar, era indispensável este documento (Xerox autenticado do histórico), fui até o colégio e me informaram que demoraria 30 dias para sair o documento. Na hora tive a ideia de deixar um documento na secretaria e fui tirar uma cópia autenticada, mesmo sabendo que o colégio não podia liberar este documento, mas no impulso tomei esta atitude. Levei a documentação e quando entreguei os documentos, a pessoa responsável me informou que se tratava de uma vaga na UFPR. Fiquei eufórico e lembrei na hora do sonho de meus pais de que algum filho tivesse alguma formação superior. Quando cheguei à Universidade, nem sabia qual curso havia me inscrito, e nem o que era Licenciatura em Ciências.

Durante esta trajetória, enfrentei situações difícilimas, em 2015, no mês de julho, minha sogra faleceu, em novembro do mesmo ano meu irmão Jonas faleceu, em neste ano, durante a escrita desta monografia, minha irmã mais nova, Elenita de 45 anos de idade também faleceu.

Pensei em não apresentar a monografia, pois psicologicamente não tinha condições, mas senti como uma homenagem à estes familiares que perdi, a escrita e a conclusão desta graduação

Hoje me sinto amadurecido e, com certeza que a UFPR Litoral, estará sempre em meu coração, pois convivi com professores, colegas, funcionários da Universidade, desde aqueles que fazem a limpeza até os diretores e muito entusiasmado em me tornar um professor.

Minha esposa atualmente está no primeiro ano neste mesmo curso, após fazer 2 anos em outro curso na UFPR Litoral, fez o PROVAR (opção de troca de curso), e aconselhei ela fazer o mesmo curso que estou agora me formando.

Desejo fazer a especialização aqui mesmo, através da ANE (Alternativas para uma Nova Educação)

INTRODUÇÃO:

Esta monografia foi construída ao longo dos oito semestres de minha jornada acadêmica como futuro educador licenciado em Ciências. O estágio foi fator determinante em minha escolha em ser professor, pois os momentos em sala de aula, vivendo aquela atmosfera, compartilhando momentos com professores e estudantes, tornaram mais gratificante o desejo de ser professor.

A aprendizagem é uma das metas principais que o professor deve ter em sua conduta diária com os alunos, ou seja, é através da sua aula, seus exercícios dentre outras metodologias, que o docente deve levar o mesmo a um conhecimento mais amplo sobre um determinado conteúdo. É necessário entender que a aprendizagem é uma atividade individual que irá se desenvolver numa situação única e contínua em que o indivíduo poderá operar sobre aquilo que recebe como conhecimento e diferenciar-se no momento em que reveste os significados a seu modo. Para Falcão (1999, p. 19), “aprendizagem é um tema central na atividade do professor”. Pode-se dizer que todo o trabalho do docente deve ser direcionado para a aprendizagem dos alunos, uma vez que, são eles os mais interessados. O professor deve sempre buscar na sua prática pedagógica levar seu aluno a uma aprendizagem, procurando

sempre extrair dele o que o mesmo já sabe, ou conhece sobre o conteúdo que está sendo abordado em sala, visto que o aprendizado também ocorre fora do ambiente escolar, no seu cotidiano. Segundo Teixeira (2003, p. 02), “a aprendizagem é uma função complexa da psique humana e, como toda função complexa, caracteriza-se pela recursividade entre elementos que participam em sua organização”. Nesse sentido é importante que para a aprendizagem ocorrer de forma satisfatória, faz-se necessário que os processos neuropsicológicos também estejam em equilíbrio, ou seja, atenção, memória e principalmente pensamento e linguagem estejam interligados. A atenção refere-se ao fato de estarmos focados, concentrados em algum fato, isso envolve processos cognitivos que são muito importantes para a recepção de estímulos. Por sua vez, a memória são recordações que constantemente podem ressurgir durante o processo de aprendizagem e a sua ausência impossibilitaria que todo o conhecimento adquirido pudesse ser “lembrado”.

Dois outros processos que podemos citar como auxiliar na aprendizagem é o pensamento e a linguagem, que segundo Vygotsky (2001) seus desenvolvimentos acontecem de forma diferente. Vygotsky procurou nos seus estudos ressaltar a construção do pensamento e da linguagem, na qual podemos dizer que esses dois processos têm raízes diferentes. Para esse teórico, “o pensamento e a linguagem tem raízes genéticas inteiramente diversas. [...] na filogênese do pensamento e da linguagem podemos constatar, uma fase pré- fala no desenvolvimento do intelecto e uma fase pré-intelectual no desenvolvimento da fala. (2001, p.112). Todavia, num determinado momento pensamento e linguagem ficam interligados. Assim, a linguagem torna-se intelectualizada e o pensamento verbalizado. Dessa forma, mais ou menos aos dois anos de idade, as curvas da evolução do pensamento e da fala, até então separadas, cruzam-se e coincidem para iniciar uma nova forma de comportamento muito característica do homem. Nessa época a criança faz a maior descoberta de sua vida, a de que cada coisa tem o seu nome (ibid., p.130-131).

Esse estudo se dá a partir das vivências de Estágio e aborda, principalmente, as questões de estudantes com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Dislexia. Os índices e percalços da Educação no Brasil apontam ainda para grandes problemas. O acesso nas instituições de ensino e pesquisa aumentou nos últimos anos, mas a taxa de estudantes com estas características atinge entre 5% e 17% destes estudantes (Ministério da Educação, 2008) e, cada vez mais, a presença de professores que tenham uma formação preparada para trabalhar com estes estudantes, podem trazer um resultado mais satisfatório em suas

aprendizagens. Ouvimos falar muito sobre de estudantes que apresentam este quadro que não vão mais a escola, pois em dado momento a escola passa a não significar mais importância para o ele.

Em junho de 2015 o plenário do Senado aprovou com unanimidade o substitutivo da Câmara dos Deputados ao projeto da Lei Brasileira dos Deputados o projeto da Lei da Inclusão da Pessoa com Deficiência (PL 7699-6), antes conhecido como estatuto da Pessoa com Deficiência.

Entre outras medidas, o texto define o que se considera deficiência, o qual prevê atendimento prioritário em órgãos públicos para as pessoas com deficiência, além de dar ênfase nas políticas públicas. A proposta trata de vários aspectos do cotidiano da pessoa, como o acesso à moradia, transporte, educação e trabalho.

Em 02 de janeiro de 2016 entra em vigor a Lei Brasileira de Inclusão. A nova Lei tramitou no congresso por 15 anos e passou a valer 180 dias após a sanção, garantindo direitos as pessoas com deficiência nas áreas de trabalho, saúde, educação e infraestrutura. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI- Lei 13146-15).

Esta nova legislação garante mais direitos as pessoas com deficiência e prevê punições para atos discriminatórios. Dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que 45,6 milhões de pessoas afirmaram ter algum tipo de deficiência, o que representa 23,9% da população brasileira.

Entre os direitos garantidos pela noiva lei para atender esta parcela da população, estão a oferta de profissionais de apoio escolar em instituições privadas, sem custo para as famílias, a acessibilidade para as pessoas com deficiência em 10% da frota de táxis e o auxílio inclusão, benefício de renda complementar ao trabalhador com deficiência que ingressar no mercado de trabalho.

A lei também prevê punições, como a detenção de 2 a 5 anos, para quem impedir ou dificultar o ingresso da pessoa com deficiência em planos privados de saúde e a quem negar emprego, recusar assistência médico-hospitalar ou outros direitos a alguém, em razão de sua deficiência.

A população, obviamente obteve uma grande conquista, porém, surgem ainda, muitas dúvidas relacionadas à contemplação ou não, nessa lei, das pessoas com Transtorno de Déficit

de Atenção e Hiperatividade (TAH) e da Dislexia. Ressalta-se que o único transtorno que é mencionado de forma nominal na lei, é o Autismo, definido como Comprometimento global do desenvolvimento, que se manifesta tipicamente antes dos 3 anos, acarretando dificuldade de comunicação e de comportamento, caracterizando-se frequentemente por ausência da relação, movimentos estereotipados, atividades repetitivas, respostas mecânicas, resistência a mudança nas rotinas diárias ou no ambiente e a experiências sensoriais.

É preciso inovar e procurar novas alternativas para a educação, diante da atual situação em que ela se encontra no em nosso país. No Brasil, estudantes com estas dificuldades, apresentam um índice alto de evasão escolar(MEC, 2012), pois sofrem na aprendizagem e, não tendo a possibilidade de acompanhar o rendimento igual aos seus colegas, se sentem inferiorizados e abandonam a escola, pois a porcentagem de reprovação é alta, e desestimula estes estudantes a continuarem seus estudos. Esse tema é objeto, cada vez mais discussões e aprofundamentos de todos os envolvidos na educação, e a transformação desta realidade, é um dos caminhos para mudarmos este cenário. É importante citar diversas mudanças que o sistema de ensino precisaria sofrer, embora muitos pesquisadores mostrem a necessidade de transformação da escola ou indiquem alguns caminhos, que sugerem alguns pensamentos diferentes das antigas concepções de escola, ele ainda é considerado uma instituição com futuro e é valorizada pela sociedade.

Não podemos atribuir as responsabilidades do processo de sucateamento do ensino público no Brasil, colocando a responsabilidade nos estudantes, nos professores e nem tão pouco nas práticas pedagógicas, antes, é preciso repensar a forma de ensinar, dialogando com a “escola como um todo”, trazendo saberes dos docentes e discentes que iram atravessar conhecimentos que trouxessem uma nova perspectiva para aprendizado e, resinificassem a educação para estes estudantes com dificuldades de aprendizagem.

Estágio Supervisionado

Trata-se de uma atividade prática pré-profissional e obrigatória para todos os alunos dos cursos de Licenciatura da UFPR- LITORAL.

O Estágio Curricular Supervisionado pode ainda ser amplamente definido como:

“Atividade acadêmica constante da estrutura curricular do curso, a ser desenvolvida segundo os parâmetros das demandas institucionais, legais e pedagógicas, se constituindo ao mesmo tempo numa oportunidade para o estudante aplicar, em situações parametrizadas pela realidade das instituições, habilidades, capacidades e conhecimentos teóricos, conceituais e instrumentais aprendidos no curso. ”

Nos dois primeiros semestres realizei meu estágio no Colégio Estadual Professora Tereza da Silva Ramos, no bairro Tabuleiro no município de Matinhos no Paraná.

Colégio Estadual Professora Tereza da Silva Ramos

–Apresentação do Colégio

Localizado no Município de Matinhos no Litoral do Paraná, este Colégio oferta ensino fundamental regular no período matutino e vespertino.

No período noturno oferta aos alunos o EJA (ensino de jovens e adultos), ensino fundamental e médio.

O colégio conta com 1029 alunos no total e, tem uma equipe com 42 professores, 6 técnicos administrativos, 2 bibliotecários e 7 funcionários para os serviços gerais.

Este colégio recebeu autorização para funcionamento no dia 25 de março de 1994, com a implantação simultânea dos 4 últimos anos do ensino fundamental nos períodos diurno e noturno, pela resolução 1091/94-DOE 25/03/1994 no prédio da Escola Municipal 4 de Março, sito à rua Santa Catarina 147, bairro Tabuleiro, onde se estabeleceu por 2 anos.

No entanto no início de 1996 com 428 alunos passou a funcionar em prédio próprio na rua Martinho Ramos 245 no mesmo bairro.

Em 05/05/2000, através da resolução 896/2000, do governo do Estado teve seu reconhecimento de estabelecimento e curso, contando a partir deste período com 9 salas de aula no período diurno e 2 salas no período noturno. Em 2006 foi ofertado o EJA (ensino de jovens e adultos no período noturno).

Atividades desenvolvidas no Colégio

Durante o período de estágio no Colégio Estadual Professora Tereza da Silva Ramos, no segundo semestre, pude compartilhar experiências com a professora supervisora Clarice da disciplina de Ciências, os alunos e todos aqueles que pertencem ao quadro funcional do colégio. Com média de 30 alunos por turma. Durante este período, desenvolvemos em sala de aula atividades como correção de avaliações, palavras cruzadas, caça-palavras, vídeos com conteúdo que se referiam à cadeia alimentar (O Rei Leão) e ao bioma (Rio).

A escolha se deu pelo fato de meu filho Caio, portador de Dislexia e TDAH, ser estudante dela, e desenvolver observações em seu comportamento diante de sua problemática.

Como era estágio de observação, não tinha a abertura de propor atividades que pudessem auxiliar meu filho e os outros estudantes em sala de aula.

Nos intervalos, durante o recreio, participava com os estudantes de atividades na quadra de futebol, lembrando meus tempos de estudante.

Avaliação da Professora Supervisora do Estágio

A professora Clarice e aos alunos que me acolheram muito bem, fica os meus agradecimentos neste período que iniciou em 30/09/2015 e encerrou no dia 24/11/2015, nestes momentos muito importantes no auxílio de minha formação.

Entre e durante as aulas elaboradas pela professora Clarice, consegui perceber e, também aprender junto com os alunos, conteúdos por mim já estudados, mas esquecidos devido ao longo tempo fora da sala.

Destaco também a metodologia da professora Clarice, que em, alternar os métodos de aplicação de conteúdo aos alunos, com vídeos, ditados, palavras cruzadas, caça-palavras, onde conseguiu melhor resultados de aprendizado com os alunos.

Entre as turmas em quais cumpri este período de estágio, destaco uma turma do 6ºE, onde 10 alunos, que estão defasados em relação à faixa etária. Por ser uma turma

pequena achava que a professora teria mais facilidade de ensino, mas pelo contrário, os alunos com total falta de comprometimento e, por consequência com dificuldade de aprendizado, devido também à falta de concentração, aliado à não terem o livro didático, trouxeram dificuldades à professora em passar os conteúdos da disciplina. Metodologias, como atividades fora da sala de aula, como por exemplo saída com os estudantes até a praia e os parques de conservação ambiental, seriam possibilidades de destes estudantes aprenderem na prática a disciplina de Ciências, e com certeza tiraria a monotonia de uma sala de aula.

Também faço um destaque ao meu primeiro dia de estágio, onde a primeira aula foi na turma do 6ºC, turma que o meu filho Caio estuda, e conforme relato da professora Clarice, quando eu estava nos dias de estágio na turma dele, seu desempenho era mais proveitoso. No último dia de estágio a professora precisou se ausentar um pouco da sala e pediu para mim passar alguns conteúdos no quadro e, confesso que fiquei muito nervoso pois era a primeira vez que estava escrevendo e passando conteúdo como professor.

No segundo estágio, junto com a professora Maria de Fátima, tive a primeira experiência como regente, pois em algumas aulas, onde ela não estava, a mesma me passava os conteúdos a serem aplicados, e, junto com os estudantes que tinham dificuldades de aprendizagem desenvolvemos atividades diferenciadas, como caça-palavras e jogos didáticos. Como estagiário, a oportunidade de respirar uma sala de aula, onde também fui protagonista, tive a convicção da profissão a ser seguida.

Colégio Estadual Gabriel de Lara

O Estágio que fez a diferença

No sétimo semestre, realizamos nosso quarto e último estágio no Colégio Estadual Gabriel de Lara, tendo como mediadores os professores Valentim e Suzana, e a professora Vânia do colégio.

Dentro deste processo de estágio, onde diferentemente dos outros estágios (onde eu estava em sala de aula como carregador de livros), e sem a presença do professor mediador, participei dentro de um coletivo, pois estava junto com mais colegas da minha turma.

A Professora destes estudantes havia dito que esta era a pior turma do colégio, tanto no comportamento quanto no aprendizado, e que tínhamos que saber propor as atividades para eles, visto que eram muito desinteressados em aprender e desenvolver as atividades.

Como estávamos todos os meus colegas de turma, foi proposto um trabalho em grupo, onde os estudantes da escola escolheriam em qual grupo eles iriam desenvolver as atividades propostas dentro do coletivo de trabalho(CT).

Em nosso grupo, no início eram seis estudantes, mas devido à uma briga entre eles, ficaram somente três, dos quais um que me chamou a atenção, Lucas, que durante o dia trabalhava em um supermercado e a noite estudava. A Professora do colégio disse este era o pior estudante do colégio, e que seria difícil ele realizar as atividades, mas surpreendentemente ele foi o que mais participou..

Acredito que o desafio da docência se tornou maior, pois elaboramos as atividades em conjunto, com ideias e discussões na busca por um processo emancipatório, onde as discussões eram feitas por dois dias na Universidade, e, nas quintas-feiras, levamos até o colégio, para junto com os estudantes, fazer os encaminhamentos.

Me senti desafiado neste processo, pois como futuro professor, esta prática durante este estágio, proporcionou uma maior desenvoltura com os estudantes, pois eu tinha grandes dificuldades no relacionamento com eles. Ao propormos, e, realizarmos a atividade de contar a história de vida, com os estudantes, tivemos a oportunidade de saber um pouco mais sobre eles, e com isso elaboramos práticas pedagógicas que estimulassem eles em sala de aula. Dentro da dimensão prática, trabalhamos com o tema de resíduos sólidos, e em nosso coletivo de trabalho, demos ênfase ao óleo de cozinha usado.

O estudante Lucas, realizou a prática em sua casa, onde plantou semente de alface numa terra onde o óleo de cozinha foi descartado, e, noutro local sem este descarte.

Após o período de dez dias, a alface, onde ele plantou com o óleo de cozinha no solo, cresceu com as folhas deterioradas, e no outro local da plantação, a alface estava perfeito.

Dentro desta proposta de estágio, com elementos essenciais, comprometimento de ambas as partes, esta experiência de estágio foi de extrema importância em minha caminhada acadêmica.

O docente não pode ser somente um “objeto” do conjunto que compõe existência social da escola, as horas atividades, os planos de aulas, as aulas propriamente ditas, devem ser também instrumento coletivo de conhecimento para todos; o docente deve ser uma mente inquietante a cada dia construindo suas experiências profissionais, dentro e fora do contexto escolar.

“Na construção dessas experiências, fiz muitas aprendizagens, porém destaque como fundamental o ponto de partida e de retorno no processo ensino-aprendizagem é o aluno e a sua realidade concreta. Também aprendi que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as

possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. (FREIRE, 1996, p. 25).

Fiz a leitura do PPP do Colégio, que me permitiu também agir diferente, mostrando que os questionamentos dos pedagogos iriam ao desencontro de que eles mesmos construíram. Proporcionei me ser diferente, e fui, segundo Freire:

Aprendi, ainda, a importância do fazer coletivo, da problematização, da busca de alternativas, de construções para a superação das situações-limite e a busca do “inédito-viável. (FREIRE, 1992).

Assim, minha vivência no estágio e na minha caminhada como docente (ainda em formação) atuante potencializou ainda mais, percebo que é possível sim fazer diferente, as disciplinas conversarem entre si, tudo está conectado, por exemplo, como falar sobre “bombas atômicas” se não discutirmos de física e química? Um assunto puxa o outro, vejo que os professores até começam a ser interdisciplinares, mais ao longo de sua caminhada, de seu trabalho, afunilam para a suas formações como conhecedores de seus conhecimentos, e aí, caindo no tradicional.

Situação da Educação no Estado do Paraná

Ingressei na Universidade em 2015, com um pouco de tristeza ao descaso do Governo do Estado do Paraná com os docentes, e a ação de violência que ocorreu no dia 29 de março de 2015. Dia em Curitiba, virou uma praça de guerra, com confronto entre a polícia militar e os professores que lutavam por seus direitos tirados de forma abrupta por uma lei que entraria em votação na Assembleia Legislativa, e com ordens do governador do estado de acabar com a paralisação dos docentes de todo estado de forma truculenta. Dia que resultou em muitos feridos de corpo e de alma. Isto me fez pensar muito em minha formação, dado momento perguntei a mim mesmo, qual será meu papel como docente? Quais seriam minhas expectativas no mercado de trabalho diante esse cenário? Só porque os docentes pediam seus direitos? O governo sem diálogo preferiu a violência e não o diálogo democrático que evitaria esse fato. (GAZETA DO POVO, 2015).

Atualmente o quadro de professores no estado está defasado, e, o governo não realiza mais concurso público, apenas PSS (Processo Seletivo Simplificado), que contrata apenas temporários e seus direitos são mínimos.

Dimensão Pessoal, Profissional e Prática

Dimensão pessoal

O Professor é uma Pessoa. A Pessoa adere a princípios e valores.

Estamos no cerne do processo identitário da Profissão Professor. A identidade é um lugar de luta e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. Essa complexidade busca atribuir sentido a história de vida e profissional. É impossível separar o Eu Profissional do Eu Pessoal. E, pouco a pouco, faz reaparecer os sujeitos face as estruturas e aos sistemas, a qualidade face a quantidade, a vivência face ao instituído. O mérito: recolocou os Professores no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação (Formação dos Professores).

Em nosso coletivo de trabalho, durante o último estágio, a presença de todos neste processo foi de extrema importância, visto que em cada encontro surgiram novos desafios junto aos estudantes. Com demandas a serem realizadas por todos do CT, a ausência de alguém durante os encontros tinha que ser superada, pois na construção deste processo, todos (acadêmicos e estudantes), contribuíam significativamente para o objetivo de uma educação emancipatória fosse alcançado.

Dimensão profissional

A Profissão de Professor é aprendida/desenvolvida antes, durante e após a formação acadêmica específica e realizada institucionalmente. O saber da Profissão está, de certo modo, na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida da pessoa, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação, etc. Ora, quando esses saberes são mobilizados nas práticas dos Professores no cotidiano em sala de aula, é impossível identificar imediatamente suas origens: os gestos são fluídos e os pensamentos, pouco importam as fontes, convergem para a realização da intenção educativa no momento, ou seja, da Profissão Professor.

Profissionalmente, acredito que as dificuldades encontradas, serviram de aprendizado, que, como futuro docente encontrarei situações terei que intervir. Desafios aparecerão em toda a docência, tanto em sala de aula como fora.

Dimensão Prática

Os saberes da Prática do Professor são aprendidos no exercício da Profissão de Professor e não na universidade, onde se aprende a imprescindível teoria para o aprendizado da Prática do Professor: eles não existem sem uma Fundamentação Teórica Prática, mesmo que não possa identificar.

Sendo assim, “parece mesmo adequado” que a formação inicial da Profissão Professor seja no exercício efetivo. É essa relação inflexível que consubstancia a relação dos fundamentos com Prática do professor com a Profissão Professor- a práxis-, na escola e/ou nos diferentes espaços.

A evolução com novas experiências, e, com avanços significativos dentro deste processo e a contribuição dos estudantes, podem trazer novas possibilidades dentro de uma

educação emancipatória, pois os estudantes não podem serem meros coadjuvantes deste processo, mas também protagonistas, contribuindo para o sucesso desta caminhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta trajetória, cada momento em minha vida, fui me reconstruindo como pessoa, e, com a perspectiva de fazer diferente, melhor e dedicar-se a profissão de professor, ainda que pouco reconhecida, mas com o desejo de sempre fazer o melhor, e, onde o estudante não seja apenas um número em sala de aula, mas aquele que faça sentido num mundo tão individualista.

Tenho a plena convicção, que juntos, sociedade, estudantes e professores, podem fazer uma mudança de valores, e, que esta profissão passe a ser valorizada junto com os estudantes, pois eles serão o futuro deste país maravilhoso, mas mal tratado pelo egoísmo de alguns.

Finalizo com uma trecho da música de Geraldo Vandré:

“Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.”

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da República.

BRASIL Lei LBI- Lei 13146-15, de 02 de Janeiro de 2016.

CORREIA, Luís de Miranda. Problematização das dificuldades de aprendizagem nas necessidades educativas especiais. *Análise Psicológica*, Jun 2004, vol.22, no.2, p.369-376.

CRUZ, Sônia Aparecida Belletti; STEFANINI, Maria Cristina Bergonzoni. Dificuldades de

aprendizagem e suas causas: o olhar do professor de 1º a 4º séries do ensino fundamental. Porto Alegre – RS, ano XXIX, n. 1 (58), p. 85-105, jan. /Abr. 2006.

FALCÃO, Gerson Marinho. Psicologia da Aprendizagem. São Paulo, Ática, 1999.

FONSECA, Vitor da. Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2008.p 581p.

FREIRE, Paulo: Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa: Rio de Janeiro – RJ. 53º Ed. Paz e Terra, 2016.

GARCIA, Jesus Nicasio. Manual de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artmed, 1998. 274 p.

LOPES, A. Será que seu aluno é disléxico? Nova Escola, São Paulo, ano XXII, v. 220, p. 66-69, dez., 2005.

MORAIS, Antônio Manuel Pamplona. Distúrbios de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica. São Paulo: Edicon, 2010.

TEIXEIRA, F. E. DA C. (Org.). Aprendendo a Aprender. Brasília: UniCEUB, 2003.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

